

A assimilação de adversários

A aliança de grupos políticos que se hostilizaram por longo tempo nunca foi fácil e sempre gera problemas que só o tempo irá assimilando e divergências que irão se apurando até a formação de novas alianças e de novos partidos que mantenham identidade e unidade. A Frente Liberal do PDS, na sua integração com o PMDB, terá suas crispções, pois em cada Estado haverá descontentamentos e interesses contrariados. Não só ex-pedessistas como pemedebistas, para se ajustarem, terão algo a perder numa aliança que pretende alcançar o poder. Os que ocupavam antes os lugares se ressentem com a necessidade de dividir áreas de decisão. Onde o PMDB domina hoje, terá de abrir espaços para os ex-adversários e onde a Frente Liberal é maioria neste momento terá de reduzir seus próprios espaços para acolher o novo correligionário.

Mas os dois grandes partidos, PDS e PMDB, originariamente frentes amplas, já deviam estar habituados a esses movimentos cíclicos. Afinal o PMDB não tem identidade ideológica e do seu seio já emergiu um partido que o sectarismo do Governo militar fez refluir. Quem não se lembra da criação do PP e da sua reintegração ao PMDB? Nessa reintegração fizeram o movimento de 180 graus antigos governadores do ciclo revolucionário e senadores biônicos. Entre os que começaram a vida política do outro lado, em 1964, contam-se figuras eminentes da Oposição, desde o ex-Senador Paulo Brossard, um dos mais importantes parlamentares que o velho MDB já acolheu na sua legenda, até o ex-Governador Guazelli, em cujo governo indireto aconteceram fatos difíceis. O secretário-geral do partido é um senador biônico e em todos os Estados o partido estende-se da direita à extrema-esquerda.

O Deputado Francisco Pinto teria lembrado, na Comissão Executiva Nacional do PMDB, um discurso do falecido Senador Teotônio Vilela, símbolo da luta pela eleição direta, no qual se punha dúvida à prática de torturas no Brasil. Um discurso semelhante ao que, tempos atrás, produzira o ex-Senador Mem de Sá, no entanto originário do liberal PL de Raul Pila. O Deputado Ulysses Guimarães e o falecido Martins Rodrigues foram levados de Brasília ao Rio por Ranieri Mazzilli para que tomassem prévio conhecimento do texto do primeiro Ato Institucional.

A discussão na Executiva do PMDB partiu da tentativa de impugnar a indicação do Senador José Sarney, ex-presidente do PDS, como companheiro de chapa do Governador Tancredo Neves. O Senador Sarney, no entanto, sempre ocupou postos na base do voto popular. Foi governador por eleição direta e duas vezes senador pelo voto do eleitorado, além de ter exercido diversos mandatos de deputado. Na UDN, que foi um partido dominado por pensamento liberal-conservador, ele integrou a bossa nova, que era uma espécie de ala esquerda do velho partido. Em 1968 foi o único Governador de Estado a protestar, em mensagem ao Presidente Costa e Silva, contra a edição do AI-5.

É claro que ele serviu ao partido do Governo e ao regime militar, como outros de seus atuais correligionários o fizeram. Mas sua liderança no Maranhão tem base popular e ele, no período da distensão e da abertura, teve sua participação na política conduzida pelo falecido Petrônio Portela, a quem sucedeu na chefia do partido. No Maranhão ele subiu ao Governo, por eleição, para eliminar o herdeiro de uma oligarquia que chegara a abusos sob o governo de Newton Belo. Mas ele sempre soube distinguir entre seus opositores a importância do ex-Deputado Renato Archer, que compõe com ele o melhor quadro de comando da política do Estado. Já anteriormente propusera uma aliança a Archer, mediante a qual caberia esse último o Governo do Estado.

Político federal, da direção nacional do PMDB, Renato Archer terá seu lugar de relevo num governo de oposição, mas sua aliança com o Sr Sarney no Maranhão tornou-se compulsória numa luta comum contra o resíduo ditatorial. O Governo do Maranhão, em eleição direta, volta a estar ao seu alcance se ele assim o quiser. As lutas locais deixam marcas mas o tempo aí está para apagá-las. Muitas acusações foram feitas ao Senador Sarney, sem que ele jamais ostentasse sinais exteriores de riqueza. Sua família, modelar, é uma família de classe média, de costumes simples. Se ele cometeu seus pecados políticos, na hora das alianças eles se tornam naturalmente assimiláveis em nome de uma nova postura que irá enriquecer as possibilidades de vitória de uma causa que hoje é comum a ele e ao dirigente do PMDB Renato Archer.

Em 1964, lembro-me do Deputado José Sarney catando colchões para levar à Embaixada da Iugoslávia onde deixara pessoalmente companheiros da bossa nova que se precaviavam contra ameaças de prisão.

Magalhães não é Vice

O Deputado Magalhães Pinto não autorizou a quem quer que seja propor sua candidatura a Vice-Presidente da República. Seu nome está posto como candidato a Presidente. Embora considerando honrosa a Vice-Presidência, não a disputa nem a aceitaria agora para criar constrangimentos e problemas à candidatura presidencial do Governador Tancredo Neves.

CARLOS CASTELLO BRANCO